EUCARISTIA E ECOLOGIA: *LAUDATO SI* – UMA ENCÍCLICA DIFERENTE

D. Erwin Kräutler
Bispo Emérito do Xingu

O título deste texto — "Eucaristia e Ecologia" — gera, sem dúvida, uma certa perplexidade. O que o "Memorial da Morte e Ressurreição do Senhor", a "Hóstia Santa que se consagra sobre o altar e aos nossos olhos se levanta para o Brasil abençoar", o que o "Sacramento dos sacramentos" tem a ver com assuntos aparentemente tão profanos como as questões ecológicas, bandeiras de luta de ambientalistas e indigenistas, de movimentos e partidos verdes?

Quem nos dá a resposta é o próprio papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si*:

> A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela Sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo,

> centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito, a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico [...]. A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico [...]. Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente e leva-nos a ser guardiões da criação inteira (n.236).

Nessa compreensão da Eucaristia como "fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente" que nos leva "a ser guardiões da criação inteira", queremos refletir[1] sobre a encíclica *Laudato Si.* Ser guardião implica assumir a responsabilidade de zelar pela criação e cuidar do meio ambiente, inclusive com vista às futuras gerações. O papa Francisco rejeita categoricamente a interpretação de Gênesis (1,28) em uma perspectiva de dominação implacável do ser humano sobre a criação, de exploração desenfreada e inescrupulosa dos recursos naturais, como se fôssemos a última geração.

A referência ao Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis realça a harmonia que deve existir entre o ser humano e os outros seres criados, que São Francisco chama de irmãos e irmãs. Essa visão de harmonia de que o Papa fala coincide com o entendimento que os povos indígenas andinos conservam desde tempos imemoriais quando falam do *Sumak Kawsay* (Bem Viver): existe um ser supremo que criou todas as coisas e por isso deve ser amado e respeitado. Essa consciência faz o homem e a mulher viverem em paz

[1] Nesta conferência, optou-se pelo tom coloquial.

consigo mesmos e em harmonia com os irmãos e irmãs e ao mesmo tempo com todos os seres criados, com o mundo que nos circunda.

Sem dúvida, a encíclica foi também uma contribuição do papa Francisco à Conferência sobre o clima, realizada de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015, em Paris, que se propôs a substituir o Protocolo de Kyoto de 1997, de resultados decepcionantes, e chegar a um acordo mundial sobre a redução das emissões de gases de efeito estufa. Nessa histórica conferência de Paris, pela primeira vez não se fez mais a distinção entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, o que está bem na linha do Papa, que alerta na encíclica:

> O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na consciencialização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados, não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros [...]. Precisamos de nova solidariedade universal (n.14).

Em Paris, de repente, todos os países — e não apenas alguns — escolhem como meta limitar a temperatura global ao aumento de 2°C e insistem ainda em envidar todos os esforços para atingir no máximo 1,5°C.

Como secretário da Comissão Episcopal para a Amazônia, tive o privilégio de ser recebido pelo papa Francisco em 4 de abril de 2014, em uma audiência particular de aproximadamente vinte minutos. Foi a ocasião em que ele me confidenciou que estava pretendendo promulgar uma encíclica sobre a ecologia. Lembro-me da ênfase especial que deu ao

assunto: "Não trataremos de ecologia de modo apenas genérico, está na hora de falarmos em uma ecologia 'humana'". Foi aí que pedi a ele que não se esquecesse da Amazônia e dos povos indígenas. Convidou-me, então, a colaborar nesses tópicos, o que fiz com muita alegria e gratidão, enviando minha contribuição ao cardeal Pedro Turkson, presidente da Pontifícia Comissão Justiça e Paz, encarregado de sintetizar as diversas sugestões vindas de todo o mundo.

Os parágrafos 37/38 e 145/146 são o reflexo das contribuições que ofereci em nome da Igreja na Amazônia. Vejam o que o Papa escreve:

> 37. Alguns países fizeram progressos na conservação eficaz de certos lugares e áreas — na terra e nos oceanos —, proibindo aí toda a intervenção humana que possa modificar a sua fisionomia ou alterar a sua constituição original. No cuidado da biodiversidade, os especialistas insistem na necessidade de prestar uma especial atenção às áreas mais ricas em variedade de espécies, em espécies endêmicas, raras ou com menor grau de efetiva proteção. Há lugares que requerem um cuidado particular pela sua enorme importância para o ecossistema mundial, ou que constituem significativas reservas de água, assegurando, assim, outras formas de vida.
>
> 38. Mencionemos, por exemplo, os pulmões do planeta repletos de biodiversidade que são a Amazônia e a bacia fluvial do Congo, ou os grandes lençóis freáticos e os glaciares. A importância desses lugares para o conjunto do planeta e para o futuro da humanidade não se pode ignorar. Os ecossistemas das florestas tropicais possuem uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente; mas, quando essas florestas

> são queimadas ou derrubadas para desenvolver cultivos, em poucos anos perdem-se inúmeras espécies, ou tais áreas transformam-se em áridos desertos. Todavia, ao falar sobre esses lugares, impõe-se um delicado equilíbrio, porque não é possível ignorar também os enormes interesses econômicos internacionais, que, a pretexto de cuidar deles, podem atentar contra as soberanias nacionais. Com efeito, há "propostas de internacionalização da Amazônia que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais". É louvável a tarefa de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que sensibilizam as populações e colaboram de forma crítica, inclusive utilizando legítimos mecanismos de pressão, para que cada governo cumpra o dever próprio e não delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais.

Será que a delegação brasileira, na Conferência de Paris, assimilou a lição do Papa? Fato é que a assim chamada "Contribuição Nacionalmente Determinada Pretendida" do Brasil à Conferência de Paris visa ao fim do desmatamento na Amazônia, ao reflorestamento e à recuperação de áreas degradadas, além do propósito de alcançar, em termos de fontes de energia, o patamar de 45% de energias renováveis.

> 145. Muitas formas de intensa exploração e degradação do meio ambiente podem esgotar não só os meios locais de subsistência, mas também os recursos sociais que consentiram um modo de viver que sustentou, durante longo tempo, uma identidade cultural e um sentido da existência e da convivência social. O desaparecimento duma cultura

> pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal. A imposição dum estilo hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas.
>
> 146. Neste sentido, é indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura.

Até agora, em nenhum documento papal, a realidade em que vivem os povos indígenas e seus legítimos anseios foram abordados de maneira tão contundente. O Papa assume a defesa da dignidade e dos direitos dos povos aborígenes. Para a Igreja no Brasil, mormente na Amazônia, e de modo especial para o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), organismo vinculado à CNBB, as palavras do Papa são um enorme impulso para prosseguir na luta destemida em favor desses povos que atualmente estão vivendo mais um momento crítico. Está em jogo a vitória conquistada na Assembleia Nacional Constituinte de 1987/88 de finalmente verem seus direitos inscritos na Constituição Federal. Hoje,

lamentavelmente, tramitam no Congresso Nacional projetos de emenda constitucional apoiados em cheio pela bancada ruralista declaradamente anti-indígena e pelos representantes do agronegócio de alterar os parâmetros constitucionais em franco detrimento dos povos indígenas deste país.

A encíclica *Laudato Si* tem que ser lida e meditada na íntegra, como um todo. É até desaconselhável assinalar apenas um e outro ponto ou insistir apenas neste ou naquele aspecto sem levar em conta a mensagem completa. Digo isso também a respeito dos já citados parágrafos sobre a Amazônia e os povos indígenas. Não podem ser pinçados e analisados fora do contexto de toda a encíclica.

Gostaríamos de destacar algumas ideias centrais, que se apresentam como uma espécie de arcabouço de toda a encíclica:

1. As encíclicas papais são geralmente endereçadas aos "veneráveis irmãos no episcopado, ao clero, às famílias religiosas, aos fiéis da Igreja Católica" e, como expressão de certa condescendência, "a todos os homens de boa vontade". A encíclica do papa Francisco, *Laudato Sí*, no entanto, quer ultrapassar qualquer fronteira confessional, política, racial e ideológica e se dirige a toda a humanidade, em todos os continentes. "Agora, à vista da deterioração global do ambiente, **quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta**. Em minha exortação *Evangelii Gaudium*, escrevi aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente *entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum*" (n.3).

2. "Entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que 'geme e so-

fre as dores do parto' (Rm 8,22). Esquecemo-nos de que **nós mesmos somos terra** (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar e a sua água vivifica-nos e restaura-nos" (n.2).

3. O Papa insiste na "ecologia humana". Ele cita a encíclica *Centesimus Annus*, de 1991, do papa João Paulo II, que fala das "condições morais de uma autêntica **ecologia humana**". E explicita: "A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas 'nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades'" (n.5).

4. "O progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno **respeito pela pessoa humana**, mas deve prestar **atenção também ao mundo natural** e 'ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado'. Assim, a capacidade de o ser humano transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus" (n.5).

5. "A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo mais radical: uma **renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio**" (n.11).

6. A "**cultura do descarte** [...] afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo [...] acabam por danificar o planeta inteiro" (n.22).

7. "O urgente desafio de proteger a **nossa casa comum** inclui a **preocupação de unir toda a família humana** na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sa-

bemos que as coisas podem mudar [...]. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum" (n.13).

8. É errado "pensar que os outros seres vivos devam ser considerados como **meros objetos submetidos ao domínio arbitrário do ser humano**. Quando se propõe uma visão da natureza unicamente como objeto de lucro e interesse, isso comporta graves consequências também para a sociedade. A visão que consolida o arbítrio do mais forte favoreceu imensas desigualdades, injustiças e violências para a maior parte da humanidade, porque os recursos tornam-se propriedade do primeiro que chega ou de quem tem mais poder: o vencedor leva tudo" (n.82).

9. "O ser humano não é plenamente autônomo. A sua liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal. [...] Podemos afirmar que carece de **uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade** que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro dum lúcido domínio de si" (n.105).

10. "Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da **crise ética, cultural e espiritual da modernidade**, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais. Quando o pensamento cristão reivindica, para o ser humano, um valor peculiar acima das outras criaturas, suscita a valorização de cada pessoa humana e, assim, estimula o reconhecimento do outro. A **abertura a um 'tu' capaz de conhecer, amar e dialogar** continua a ser a grande nobreza da pessoa humana. Por isso, para uma relação adequada com o mundo criado, não é necessário diminuir a dimensão social do ser humano nem a sua dimensão

transcendente, a sua abertura ao 'Tu' divino. Com efeito, não **se pode propor uma relação com o ambiente prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus**" (n.119).

11. "O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a **degradação ambiental** se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a **degradação humana e social**" (n.48). "Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa ***crise socioambiental***. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza" (n.139).

12. "Sempre se deve recordar que 'a proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente'. Mais uma vez, repito que convém **evitar uma concepção mágica do mercado**, que tende a pensar que os problemas se resolvem apenas com o crescimento dos lucros das empresas ou dos indivíduos" (n.190).

13. "Trata-se simplesmente de **redefinir o progresso**. Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não pode ser considerado progresso" (n.194).

14. Já no início da *Laudato Si*, o papa Francisco insiste em uma "**conversão ecológica global**" (n.5), aprofundando esse tema ao final da encíclica, quando diz: "Desejo propor aos cristãos algumas linhas de **espiritualidade ecológica** que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver". Trata-se, na realidade, de uma "espiritualidade **para alimentar**

uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima". E o Papa cita a sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* quando diz que essa mística é "uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária", e acrescenta: "Temos de reconhecer que nós, cristãos, nem sempre recolhemos e fizemos frutificar as riquezas dadas por Deus à Igreja, nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia" (n.216).

15. Também, já no começo da encíclica, o papa Francisco fala dos passos da conversão citando o patriarca de Constantinopla Bartolomeu, que "propôs-nos passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à **capacidade de partilha**, numa ascese que 'significa **aprender a dar, e não simplesmente renunciar**. É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que o mundo de Deus precisa. É a libertação do medo, da avidez, da dependência'" (n.9). Ao final, ele acrescenta: "Convido todos os cristãos a **explicitar esta dimensão da sua conversão**, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que as rodeia e suscitem aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis" (n.221).

Termino, assim, convidando as irmãs e os irmãos a rezarmos juntos e com o papa Francisco a "Oração pela nossa terra", que ele propõe ao final da encíclica (n.246):

Deus Onipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas.
Vós que envolveis com a vossa ternura
tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor,
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.
Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo,
e não o depredemos,
para que semeemos beleza,
e não poluição nem destruição.
Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.
Obrigado porque estais conosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.